



UCRÂNIA

A guerra retorna à Rússia

Especialistas avaliam que ataques cada vez mais frequentes no lado russo da fronteira buscam interromper o suprimento militar de Moscou e elevar o custo do conflito. Ofensivas ocorrem às vésperas da esperada contraofensiva de Kiev

» RODRIGO CRAVEIRO

Belgorod, região situada no lado russo da fronteira com a Ucrânia, 22 de maio passado. Um grupo de sabotadores dos Corpos de Voluntários Russos e da Legião da Liberdade para a Rússia, invadiu vilarejos, forçou a fuga de milhares de civis, tomou delegacias de polícia e prometeu pôr fim ao regime do presidente Vladimir Putin. Os paramilitares utilizaram drones e tiros de artilharia. Moscou, capital da Rússia, 30 de maio. Pelo menos 25 aeronaves não tripuladas provocam explosões em áreas residenciais, deixando ao menos dois feridos e espalhando pânico. Ontem, duas refinarias de petróleo foram atingidas por drones em Ilsky, na região Krasnodar, no sul do território russo. Também em Belgorod, novo bombardeio feriu quatro cidadãos. Especialistas consultados pelo **Correio** reconhecem que a guerra atravessou a fronteira e chegou às portas do Kremlin.

Para o ucraniano Olexiy Haran, professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla, os bombardeios a terminais de petróleo em Krasnodar ou a alvos em Belgorod, ambos no lado russo da fronteira, têm o objetivo de perturbar o suprimento das forças russas na Ucrânia. “É parte de um esforço para interromper essa rota de abastecimento, algo que tem sido usado nos últimos meses. A novidade, aqui, está nas incursões de voluntários russos na região de Belgorod e nos usos de drones dentro do território da Rússia”, disse ao **Correio**.

Ele acredita que isso cria um efeito psicológico adicional e deve forçar o Exército de Moscou a retirar algumas de suas tropas da ex-república soviética e a deslocá-las para a fronteira ucraniana. “Há uma combinação de diferentes métodos. Essas operações ajudam a causar uma confusão estratégica dentro do establishment militar do Kremlin, ao mostrar que a Rússia possui brechas no sistema de defesa”, avaliou Haran.

Diretor do Centro Carnegie Rússia-Eurásia em Berlim, o russo Alexander Gabuev admitiu ao **Correio** que, desde o início da invasão russa, em 24 de fevereiro de 2022, as forças da Ucrânia tentaram responder não apenas nas regiões de Donetsk e Luhansk (leste), mas também

Natalia Kolesnikova/AFP



Uma placa com a proibição de voos de drones é vista no centro de Moscou: armamento tecnológico foi usado pela primeira vez contra civis

Natalia Kolesnikova/AFP



Também na capital russa, painel promove o recrutamento no exército

em Kherson (sul) e em Zaporizhzhia (sudeste), na Península da Crimeia e no território russo. “Temos visto vários atos de sabotagem e de ataques à infraestrutura crítica, os quais fazem parte do esforço de guerra. Entre os alvos, estão aqueles que capacitam a atividade militar, como refinarias e aeródromos. Foram ataques misteriosos, em solo russo, principalmente contra a infraestrutura civil e

industrial”, lembrou. Apesar de não terem sido reivindicadas por Kiev, a impressão digital da Ucrânia está em muitas delas, segundo o especialista.

Gabuev não descarta o envolvimento de sabotadores simpatizantes da causa ucraniana, mas sublinha que essas ações foram desenhadas pelo Exército do presidente Volodymyr Zelensky. “É

Olga Maltseva/AFP



Belgorod, no lado russo da fronteira: região foi palco de sabotadores

simplesmente lógico esperar que, uma vez que o território ucraniano seja bombardeado, e civis sejam mortos, a Ucrânia tente levar a guerra até a Rússia. Isso pode visar a interromper as operações militares e ampliar os custos do conflito”, comentou. Ele também ressalta que, mais recentemente, as forças de Kiev

tomaram medidas para montar o cenário para a esperada contraofensiva. Ainda segundo Gabuev, as forças de Vladimir Putin retaliaram a incursão em Belgorod com um pesado bombardeio contra a capital da Ucrânia e outras grandes cidades. “Os ataques com drones em Moscou, provavelmente, foram uma resposta militar.”

Eu acho...

Nessa Gnatoush



“Quanto mais interrupções na guerra, mais os comandantes militares russos ficam nervosos e se preocupam com ataques de drones, uma tática que será vantajosa para os esforços de contraofensiva da Ucrânia. Depois de 14 meses de confronto, vemos demonstrações de que a guerra saiu da Ucrânia e atingiu a capital da Rússia.”

Alexander Gabuev, diretor do Centro Carnegie Rússia-Eurásia em Berlim

Crianças

Ontem, as autoridades russas começaram a retirar centenas de crianças das regiões fronteiriças, um sinal de que esperam novos ataques numa região cuja situação é “alarmante”, na avaliação do Kremlin. “A partir de hoje, estamos retirando nossas crianças dos distritos de Shebekinskii e Graivoronskii”, disse o governador de Belgorod, Vyacheslav Gladkov. “Um primeiro grupo de 300 crianças será enviado hoje (ontem) a Voronej”, cidade cerca de 250km ao nordeste. “Estamos realmente preocupados com esta situação. O bombardeio de alvos civis continua em Belgorod”, declarou o porta-voz de Putin, Dmitri Peskov. “Não ouvimos uma só palavra de condenação por parte do Ocidente. (...) A situação é realmente alarmante. Medidas estão sendo tomadas.”

Também ontem, cinco pessoas morreram em um ataque aéreo noturno contra uma granja na região ocupada de Luhansk, no leste da Ucrânia. O ataque foi executado com um sistema lança-mísseis múltiplos HIMARS, fornecido pelos EUA à Ucrânia. No campo diplomático, a Alemanha fechará quatro dos cinco consulados russos em seu território em retaliação às restrições impostas por Moscou à sua própria representação, na Rússia.

KOSOVO

Protesto de nacionalistas sérvios eleva tensão

Dois dias depois de intensos confrontos no norte do Kosovo, país dos Balcãs que conquistou a independência há 15 anos, manifestantes sérvios cercaram a Prefeitura de Zvecan e obrigaram os soldados de manutenção da paz da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) a reforçarem as medidas de segurança. O prédio foi cercado com uma barreira de metal e com arame farpado. Na segunda-feira, confrontos deixaram 80 feridos. Segundo a agência de notícias France-Presse, os sérvios desfraldaram uma bandeira com mais de 200m de comprimento e carregavam uma faixa em homenagem ao tenista sérvio Novak Djokovic — depois da primeira partida no torneio de Roland Garros, na França, o artista escreveu em uma câmera: “Kosovo está no coração da Sérvia”.

Em entrevista ao **Correio**, Jasmin Mujanovic — cientista político nascido em Sarajevo (Bósnia e Herzegovina) e conselheiro do think tank Iniciativa Kulin (em Los

Angeles) — explicou que a causa imediata da violência recente no Kosovo está enraizada nas recentes eleições municipais. “O pleito foi boicotado pelos partidos de sérvios étnicos, no norte do país, região diretamente controlada por Belgrado. Como resultado desse boicote, o comparecimento às urnas foi extremamente baixo, menor do que 5%. Depois disso, os candidatos albaneses ganharam a maioria de votos dos municípios de Zvecan, Zubin, Leposavic e Potok, que têm maioria sérvia”, afirmou.

De acordo com Mujanovic, o governo do Kosovo escolheu os novos prefeitos albaneses eleitos até os prédios das administrações municipais, o que desencadeou violentos confrontos entre os militantes nacionalistas sérvios e os grupos paramilitares controlados por Belgrado. Na ocasião, os sérvios tentaram invadir a Prefeitura de Zvecan, e a polícia do Kosovo disparou bombas de gás lacrimogêneo. A Sérvia relatou que 52 pessoas ficaram feridas, três em “estado grave”.



Polícia de choque do Kosovo protege a Prefeitura de Zvecan (norte)

O especialista afirmou que as forças terrestres estão sob o mandato da Otan. “(O secretário-geral) Jens Stoltenberg anunciou o envio de mais 700 soldados nas próximas semanas. Pelo menos 3,8 mil militares estão na região. A prioridade inicial é conter a onda de violência. Hoje (ontem), vimos alguns incidentes menores. Viaturas da polícia

foram atingidas por pedras. Mas, espera-se um grande protesto para esta quinta-feira”, disse Mujanovic.

Independência

Sob o respaldo da Rússia e da China, a Sérvia jamais reconheceu a independência do Kosovo, proclamada em 17 de fevereiro de

2008. A ex-província sérvia decidiu se desvincular de Belgrado depois de uma guerra que começou em março de 1999 e terminou com uma campanha de 78 dias de bombardeios da Otan, liderada pelos Estados Unidos. Pelo menos 120 mil sérvios vivem no Kosovo — cerca de 6,6% da população, cuja maioria é de albaneses.

Mujanovic acusou uma estratégia fracassada das potências ocidentais em relação ao Kosovo (**leia o Eu acho...**). A Otan considerou o envio de forças adicionais ao país dos Balcãs como “uma medida prudente para assegurar que a KFOR (missão da aliança ocidental no Kosovo) tenha as capacidades necessárias para atender aos compromissos com o Conselho de Segurança da ONU”, segundo o almirante Stuart Munsch, do Comando Aliado das Forças Conjuntas, em Nápoles (Itália). A União Europeia (UE) exortou a sérvios e grupos paramilitares a redução imediata e incondicional das tensões. Os Estados Unidos, por sua vez,

ONDE FICA



criticaram a condução da crise por parte do premiê kosovar, Albin Kurti, e descartaram participar de exercícios militares conjuntos.

O presidente francês, Emmanuel Macron, culpou o Kosovo pela deflagração da violência. “Há uma responsabilidade das autoridades kosovares e uma violação de um acordo que, no entanto, era importante e que havia sido estabelecido há apenas algumas semanas”, declarou. Kurti reagiu ao solicitar um “diálogo mais intenso”. “Não precisamos de reuniões de alto nível a cada dois meses.” (RC)